

Fazer a vida acontecer: os desejos de Cunha Lopes

Nascido em Belém do Pará, a metrópole da Amazônia não foi o suficiente para comportar os sonhos de fazer a vida acontecer em lugares diferentes e de outras oportunidades que o Brasil e o mundo oferecem. Impulsionado por esse desejo José Raimundo Cunha Lopes aos 24 anos deixou para trás sua cidade natal, a proteção familiar, a referência dos amigos por incertezas previsíveis superadas com muita determinação, assim resumido por ele:

- Cursei medicina, mas não me graduei, deixei Belém e fui morar no Rio de Janeiro aos 24 anos e nunca mais retornei em definitivo pra Belém. Hoje estou com 56 anos. Morei em quase todo o Brasil e já estive em 8 países. Minha vocação é própria dos librianos. Artes, boa música, falar com as pessoas. Sempre sentindo o que sentem e falam.

Cunha Lopes nasceu em 13 de outubro de 1954, casou-se três vezes, mas foi com a segunda esposa que ficou mais tempo casado, 19 anos, e com quem teve duas filhas, além de um filho com a primeira e outro com a terceira, com quem vive hoje. Sempre teve muita inclinação para os estudos, entrou na universidade cedo. Fala três idiomas: Inglês, espanhol e francês... - aprendi inglês quando garoto, perto da casa dos meus pais morava uma família americana, aí fiz amizade com o filho deles que tinha a mesma idade que eu, brincávamos e conversávamos em inglês, ao perceber minha facilidade em aprender outra língua meus pais me matricularam pra estudar...assim, falo e escrevo em inglês muito bem.

Esse bem oportunizou para Cunha Lopes sua vinda com toda família para o Amapá na certeza de instalar aqui uma escola de Inglês, a qual foi seu sustento durante um tempo. Mas só durante um tempo, porque, através de alguns alunos da escola ele conheceu gente influente e, em virtude do seu fluente inglês, foi chamado para trabalhar na Icomi – Empresa de Mineração que durante 50 anos explorou manganês no Amapá com sede em Santana – na gerência de importação e exportação, pois segundo ele era mais fácil ensinar os manejos do comércio internacional de compra e venda para alguém do que ensinar inglês. Isso lhe rendeu, também, muitas viagens ao exterior e uma vida tranquila... de muita sombra...considera-se um cidadão santanense.

Se naqueles tempos áureos de emprego fixo tudo era tranquilo, nada se compara com o outro emprego de jornalista, pelo qual Cunha Lopes foi fagocitado:

- Quando a Icomi entrou em decadência, perdi o emprego. Fiquei sem trabalhar por um bom tempo. Ao saber da minha situação recebi o convite do então Senador Gilvan Borges para trabalhar na Rádio, a 92,3 - Rádio Santana FM. Apresentava o programa “Patrulha da Cidade” em parceria com a minha filha Carla, que logo pegou gosto pela profissão de jornalista e resolveu cursar Comunicação.

Durante dez anos Cunha esteve a frente do programa apreciado pela comunidade por relatar ocorrências policiais direto da delegacia. Paralelo ao rádio, ele fazia um programa na TV, chamado “Cunha Lopes na TV” no canal 42, ficando no ar durante quatro anos. A esse programa ele mesclava notícia, humor e sensacionalismo policial, a chamada mais apreciada pelos espectadores.

- Costumo dizer, parafraseando a música de Rita Lee (letra de Arnaldo Jaboor) “TV é sexo e rádio é amor”. Gosto mesmo é de Rádio, acho fascinante a dinâmica da comunicação e do suspense físico que o locutor desperta nos ouvintes. Mas o legal mesmo, é a facilidade de interação propiciada pelo rádio. Os ouvintes participam, ora reclamando, ora elogiando, ora denunciando... e porque não contribuindo..., através do quadro solidariedade, nos levávamos ao conhecimento público a necessidade de saúde ou financeira de alguém, isso nos dava uma audiência muito grande.

Logo que pegou gosto pela profissão de jornalista, a qual ele exerce por vocação e não por formação, Cunha Lopes percebeu o quanto era agitado. Quando ficou por dez anos comandando os programas de rádio e TV, quase não dormia, fazia e tudo um pouco. Aprendi até manusear a câmera, relata ele. Mas em virtude do perfil do programa em denunciar ocorrências policiais com tom sensacionalista pode sentir na pele a delicadeza em lidar com verdade:

- As notícias sobre as ocorrências policiais eram lidas tal qual estava escrito no livro de ocorrência da delegacia. Aconteceu um dia do nome dos envolvidos estar errado e o fato relatado também, foi uma saia justa, afinal são pessoas perigosas. A gente entrevista bandidos mesmos, eu recebia muita ameaça de morte. Um dia no programa eu entrevistei um rapaz que havia fugido de uma fazenda no sul do Pará, onde trabalhava em regime de escravidão e veio até a televisão para denunciar. Isso rendeu muito. Pistoleiros vieram de lá pra me matar, a polícia teve que fazer minha proteção.

Atualmente Cunha Lopes trabalha na Rádio Comunitária em Santana, a 105,2 – Cunha Lopes em Notícia, vai ao ar todas as manhãs. Já está lá há quatro anos. Sua frase marcante na Tv é: “Santana, minha gata morena”. Na sua página no Facebook, afirma ser católico, mas hoje questiona alguns pontos do catolicismo, e lá também encontra-se a seguinte afirmação: Eu só tenho uma cara, mas se tivesse duas, as duas teriam vergonha (Mario Covas falou isso para Fernando Collor durante um debate presidencial); e Bandido é bandido e vice-versa (autoria de Cunha Lopes).

Jonelle Barbosa de Araújo

Acadêmica do segundo semestre do curso de Jornalismo na Universidade Federal do Amapá.

Perfil produzido para a disciplina de Mídia Impressa ministrada pela prof. Roberta Scheibe

Macapá/AP, março de 2013.